

AS NOVAS TECNOLOGIAS, A AULA DE HISTÓRIA E OS DESAFIOS METODOLÓGICOS DE PROFESSORA-PESQUISADORA: O QUE DIZ UM DIÁRIO DE CAMPO EM 2024?

NATIELE GONÇALVES MESQUITA¹; LISIANE SIAS MANKE²

¹ Universidade Federal de Pelotas – natiele.mesquita@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – lisianemanke@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos apresentar algumas discussões a respeito das novas tecnologias, redes sociais e uso de smartphones durante as aulas de História, a partir da análise de um Diário de Campo em construção. Esta análise é parte da metodologia utilizada na tese em andamento no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas.

O trabalho de doutorado objetiva identificar a influência das redes sociais, publicidade e monopólio da indústria digital na consciência histórica de jovens que cursam o Ensino Fundamental em duas escolas públicas da cidade de Pelotas, considerando o colonialismo digital e a acumulação primitiva de dados. A partir de uma perspectiva de professora-pesquisadora, a necessidade de refletir acerca do uso cotidiano de plataformas, aplicativos de relacionamento e jogos por estudantes tem se tornado urgente, visto a constante disputa em que vivemos entre a atenção delegada a estes e a aula.

Desta forma, temos desenvolvido um mapeamento da cultura histórica de estudantes de duas escolas públicas da cidade Pelotas, a partir do viés de seus hábitos digitais, a partir de questionários semi-estruturados respondidos por 342 estudantes, somado às observações registradas em Diário de Campo, que trazemos neste trabalho. O Diário de Campo, iniciado em fevereiro de 2024, apresenta variados âmbitos do uso de celulares pelos estudantes durante as aulas: utilização para pesquisas, momentos em que estão imersos em suas redes sociais e jogos, comentários sobre sua relação com o tempo de tela, assim como de suas famílias e demais observações possíveis dentro do espaço das aulas.

Entendemos que neste momento, no atual desenvolvimento das forças produtivas, a popularização da tecnologia das coisas e a atuação desregulada das grandes empresas detentoras de monopólios de tecnologia (as chamadas big techs) têm influenciado a construção da nossa consciência histórica de maneira silenciosa. É possível supor que o uso intensivo de smartphones, mais do que um consumo, hábito ou até mesmo vício, é um instrumento de domínio utilizado pelas big techs, que avança na intervenção da psique, conforme é discutido por autores como HAN (2020), ZUBOFF (2021), FAUSTINO; LIPPOLD (2023), SILVEIRA (2021), entre outros.

A categoria de consciência histórica tem sido amplamente debatida pela área da educação-histórica a partir da perspectiva do filósofo e historiador alemão RÜSEN (2011), que defende a didática da História como sendo a finalidade da ciência da História, aproximando a teoria do ensino e valorizando as “características peculiares da história como campo de aprendizado” (2011, p. 31).

Desta forma, entendemos que é papel da aprendizagem histórica situar estudantes no presente e uma das demandas da atualidade é a compreensão de uma ideia de soberania de dados ou algorítmica — definida como a necessidade de

entender a inteligência computacional como um bem comum livre (SILVEIRA, 2021, p. 50) —, frente a colonização digital em curso, que podemos entender como o avanço de empresas monopolistas do Norte global frente o domínio de dados e indução psicológica ao consumo (CASSINO, 2021, p. 27).

2. METODOLOGIA

A metodologia que utilizamos na construção da tese, é da pesquisa-ação, conforme TRIPP (2015). A etapa apresentada neste trabalho, que consiste na coleta dos questionários e construção do Diário de Campo, faz parte do “primeiro ciclo da pesquisa-ação”, que se caracteriza pelo “planejamento e reconhecimento situacional” (Tripp, 2015, p. 460). O segundo ciclo, é a intervenção pedagógica, que está em andamento nas aulas de História nas turmas de 7º e 8º anos, entrelaçando o currículo previsto na Base Nacional Comum Curricular com as discussões a respeito de colonialismo digital. Por fim, a terceira etapa, a ser realizada nos anos seguintes, será a análise das inferências produzidas pelos estudantes a respeito da temática do colonialismo digital.

Ainda sobre o primeiro ciclo, de que se trata a abordagem aqui pretendida, para mapearmos os hábitos digitais dos estudantes, o questionário foi aplicado entre os anos 2023 e 2024 com 19 perguntas abertas e fechadas, buscando identificar um perfil de estudantes, como atividades de lazer, gostos musicais, redes sociais utilizadas, conteúdos e influenciadores acessados. Como complemento desta metodologia, o Diário de Campo tem se demonstrado uma peça chave no corpus de pesquisa, permitindo observações e registros de interações que extrapolam a formalidade das produções escritas, possibilitando o registro das trocas afetivas e relatos pessoais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Diário de Campo tem ampliado as possibilidades e acompanha as possíveis efemeridades que cercam o cotidiano da juventude que vive conectada. Pudemos observar a “febre” que alguns jogos geraram, como os jogos que simulam o trabalho em supermercados; a atual “epidemia” do jogo Fortune Tiger, popularmente conhecido como “Jogo do Tigrinho”; e o avanço das inteligências artificiais.

Em abril de 2024, uma estudante do 1º ano do Ensino Médio determinou que não poderia realizar as atividades em sala de aula, pois, “estou trabalhando em minha loja, quer ver?”, defendendo que o jogo Supermarket “é legal, é educativo”, pois os jogadores realizam cálculos matemáticos para dar o troco aos clientes. Em outra turma do mesmo adiantamento, no mesmo mês, o colega indaga a professora: “por que ficam jogando esse jogo de supermercado?”. Visto que não saberíamos responder, rebatemos a pergunta ao restante da turma e a resposta em que todos concordaram foi “por causa do tédio”.

Tanto o jogo chamado “Supermarket”, quanto o apelidado “Jogo do Tigrinho” e outros de apostas, como Blaze, são mencionados pelos próprios estudantes como modas conhecidas a partir da divulgação de streamers, ou seja, os chamados influenciadores digitais, que nesse caso, utilizam de plataformas de transmissão de vídeos ao vivo. Porém, ao serem indagados sobre quais os streamers, não há registros de nomes no Diário de Campo neste caso, visto que os estudantes não lembram. Apenas o jogador de futebol Neymar é mencionado como divulgador do site de apostas Blaze e segundo um estudante, foi este fato que o incentivou a jogar.

Este breve relato demonstra o poder que os influenciadores digitais têm sobre o comportamento de jovens na idade escolar, observados e registrados em Diário de Campo. Ao mesmo tempo, o estímulo vivenciado no mundo virtual tem contribuído para a dispersão e dificuldade de concentração, explicitadas pelo próprio esquecimento de quais os nomes das pessoas que os influenciam. Durante a aplicação do questionário, ao se deparar com a pergunta sobre o nome de influenciadores, muitos não souberam responder, sob a argumentação de que não lembraram, ou eram tantos que não saberiam dizer. Porém, ao longo dos registros do Diário de Campo, alguns nomes são mencionados, como o caso do influenciador Ruyter, que segundo ele mesmo, se tornou bilionário aos 25 anos de idade a partir do marketing digital.

Até o presente momento, os estudantes têm demonstrado diversas contradições sobre o uso do celular. Ao mesmo tempo que temem a crescente discussão a respeito da proibição do uso na sala de aula, concordam que perdem o foco e o interesse pelas aulas, conforme explicitado pelos mesmos e registrado em Diário de Campo em setembro do presente ano.

4. CONCLUSÕES

As conclusões são preliminares, visto que a análise dos questionários ainda está em andamento, assim como as aulas também, logo, o Diário de Campo está em construção. Da mesma forma, as atividades elaboradas para debater a temática de colonialismo digital estão em andamento, provocando discussões a respeito da segurança de dados e lógica de mercado em torno das redes sociais e influenciadores. Os estudantes têm se demonstrado curiosos a respeito da temática e, por vezes, surpreendidos.

Percebemos que a lógica em que o colonialismo digital opera, coloca em risco o desenvolvimento social e cognitivo de crianças e adolescentes, visto que a dinâmica gira em torno de acúmulo de dados e indução de comportamento e consumo. Aparentemente, esta lógica tem tido sucesso, contribuindo para a formação dos chamados “neossujeitos”, em que “prevalece o discurso da definição do homem desejoso de ser ‘bem-sucedido’, ter sucesso pelo próprio esforço empreendedor e, por isso, deve se deixar ser formado para alcançar seu objetivo de ser um empresário bem sucedido” (MARINHO, 2019, p. 28). Influenciadores e jogos de apostas tem corroborado para isto, ao passo que as dinâmicas escolares estão cada dia menos atrativas e defasadas frente aos interesses de estudantes e do capital.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSINO, J. F. O sul global e os desafios pós-coloniais na Era Digital. In: CASSINO, João F.; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio A. (org.) **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. (E-book Kindle).
- HAN, B. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyné, 2020. (E-book Kindle).
- FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023. 207 p.
- MARINHO, Cristiane. O sujeito neoliberal e a educação como capital humano. **Kalagatos** - Revista de Filosofia. V.16, N. 2. 2019. pp. 25-40. Acesso em: 13 jan.

2023. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6587/5506>.
RÜSEN, J. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In SCHIMIDT, M. A. et. al. (org). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba. Ed. UFPR. 2011. pp 23-40.
SILVEIRA, S. A. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. In: CASSINO, J. F.; SOUZA, J.; SILVEIRA, S. A. (org.) **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. (E-book Kindle).
TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Acesso em: 01 out. 2024. Disponível em:
'<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>
ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Tradução: George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. Acesso em: 11 jan. 2023. (E-book Kindle). Disponível em:
https://livrogratuitosja.com/wp-content/uploads/2021/03/A-Era-do-Capitalismo-de-Vigilancia-by-Shoshana-Zuboff-z-lib.org_.pdf. .